

# AS EXPERIÊNCIAS DE LIBERDADE DE HELENA MORLEY

Britta Fischer<sup>1</sup>

*Tradução do inglês: Heloísa Buarque de Almeida*

## RESUMO

O artigo trata do livro *Minha vida de menina*, diário de Helena Morley, tomando como ponto de partida o ensaio "Outra Capitu" de Roberto Schwarz, em que ele enfatiza a importância do momento histórico (anos 90 do século XIX) para explicar a humanidade e o espírito livre da jovem Helena. Trata-se de ampliar a análise contextual e histórica de Schwarz com a perspectiva mais específica das categorias de gênero e idade para iluminar as percepções e ações multifacetadas de uma jovem que, entre 12 e 15 anos, vive um período de transição entre ser criança e mulher.

*Palavras-chave: crítica literária; diário de Helena Morley; perspectiva de gênero e idade.*

## SUMMARY

This article discusses Helena Morley's diary, *My life as a girl*, with specific reference to Roberto Schwarz's recent essay "Another Capitu", where Schwarz underscores the importance of the historical moment (the 1890s) to explain young Helena's humanity and free spirit. Here the author broadens Schwarz's contextual and historical analysis by taking into account gender and age categories in order to shed light on the multifaceted perceptions and actions of a young girl who, between the ages of 12 and 15, lived a period of transition, from child to woman.

*Keywords: literary criticism; Helena Morley; gender and age categories.*

Recentemente, Roberto Schwarz publicou o livro *Duas meninas*<sup>2</sup>, no qual o mais longo de seus dois ensaios, "Outra Capitu", é uma análise de *Minha vida de menina*, de Helena Morley<sup>3</sup>. Neste diário, escrito na década de 1890, quando tinha entre 12 e 15 anos, Helena Morley revela-se uma fascinante menina, racional, independente e esperta, que cresce na distante e montanhosa Diamantina. Neste artigo, tomo o trabalho de Roberto Schwarz como ponto de partida. Porém, pretendo enfatizar mais diretamente o fato de que as percepções e o comportamento de Helena Morley são os de uma menina em processo de transição, um processo que constitui em si um estado particular.

Schwarz considera que a transição social e histórica na estrutura econômica e de classes do Brasil fornece o solo fértil a partir do qual as idéias humanísticas, não-convencionais e multilaterais de Helena Morley

(1) Agradeço a Gabriel e Célia Bollafl, que alimentaram de muitas maneiras meu interesse pelo Brasil durante 32 anos, a Solange Ribeiro de Oliveira, amiga e mentora, e a Roberto Schwarz, porque sem seu livro este ensaio não seria possível. Dedico este ensaio à memória de minhas avós Clara Fischer (1881-1969) e Erna Bohm (1881-1937), almas gêmeas e contemporâneas de Alice Bram, que usava o pseudônimo Helena Morley.

(2) Schwarz, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

(3) Traduzido para o inglês por Elizabeth Bishop como *The diary of "Helena Morley"*. New

podem se constituir. A seguir, amplo a análise contextual e histórica de Schwarz ao incluir as categorias de gênero e idade para iluminar os efeitos do estado transitório de limbo na perspectiva e nas ações de Helena Morley.

De janeiro de 1893 a dezembro de 1895, Helena Morley escreveu 275 entradas em seu diário que foram publicadas pela autora em 1942, meio século depois (a versão em inglês inclui 240 episódios). Deste diário, surge um retrato vivido de Diamantina e da extensa família de Helena. As anotações revelam impressões sobre os hábitos e as fraquezas da população local, tanto ricos como pobres, brancos e negros, jovens e velhos, homens e mulheres. Tratam da vida econômica e também das relações de classe e raça numa cidade pequena, mas não pouco importante, alguns anos depois da abolição da escravidão, em 1888. Em Diamantina, tudo é conhecido, comentado e discutido sob diversas perspectivas. É difícil guardar segredos e estes constituem provavelmente uma das moedas da complexa economia não-monetária de Diamantina, que Schwarz tão bem descreve<sup>4</sup>. Os rituais religiosos e familiares, os padrões de deferência e privilégio são revelados por histórias freqüentemente engraçadas e/ou pungentes. Acima de tudo, Helena desafia e manipula a autoridade de modo engenhoso, percebe alternativas, faz escolhas diante de situações em que outros se conformam e expressa uma ilimitada paixão pela vida.



O ensaio de Roberto Schwarz é uma longa meditação sobre como uma visão de mundo tão humana, solidária e multifacetada, que reconhece as contradições sem sentir-se compelida a amenizá-las, pode surgir no solo de uma sociedade reacionária, marcada pelo colonialismo e pela escravidão. Sua principal conclusão é que a percepção de Helena Morley é facilitada por dois principais fatores externos. Primeiro, há a realidade histórica daquele curto período em que a escravidão acabava de ser abolida e o trabalho assalariado ainda não havia se estabelecido de modo sistemático. Este período constitui um "interregno" no qual as normas dominantes, que governaram as relações sociais durante séculos, foram parcialmente suspensas, deixando os habitantes da região numa espécie de anomia ou terra-de-ninguém normativa. Segundo, a área de mineração de diamantes em Minas Gerais estava em declínio econômico em razão do esgotamento das pedras preciosas. Para alguns, esta situação exigiu um recuo à economia de subsistência.

Estas mudanças estruturais demandaram a improvisação de novas formas de sociabilidade e relações econômicas. Alguns antigos escravos beneficiaram-se por meio da educação, outros mudaram-se, enquanto outros, ainda, permaneceram dependentes das famílias mais abastadas. Do mesmo modo, o retraimento da economia do diamante suspendeu a

York: The Ecco Press, 1977. Esta é a versão que uso para minha análise. As datas das entradas são fornecidas para que a localização dos trechos seja facilmente identificada em qualquer edição. [Nota da Tradutora: Todas as citações do livro de Helena Morley correspondem ao texto da nova edição em português de *Minha vida de menina* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998) e são seguidas das datas das entradas entre colchetes.)

(4) Schwarz, op. cit., p. 119.

separação estrita entre trabalho manual e abstrato por classes sociais. Tal situação levou os brancos em decadência, como os Morley, a assumir todo tipo de trabalho manual, a despeito de sua educação e privilégio. O conjunto de novas práticas sociais e econômicas observadas por Helena numa miríade de variações, segundo Schwarz, tem "alguma coisa de utopia"<sup>5</sup>. Nesta confluência de circunstâncias, emergem novas possibilidades sobre as quais Helena reflete — de acordo com sua propensão à observação acurada e a construir castelos no ar [11 de outubro de 1893].

(5) *Ibidem*, p. 50.

Trata-se de uma fase transitória, uma conjuntura na qual a divisão social do trabalho simplificava-se em poucas especialidades e, de forma correspondente, os indivíduos assumiam uma maior gama de atividades que, de acordo com as observações de Helena, permitiam maior satisfação pessoal. No contexto dos padrões históricos e macroeconômicos mundiais, trata-se necessariamente de um período curto em que a produção para valor de uso está em ascensão, ao passo que a produção de mercadorias declina. Schwarz observa que "o que é retrocesso para uns é avanço e civilização para outros"<sup>6</sup>. Numa compreensão posterior, é certo que tudo foi inevitavelmente suplantado pelo trabalho assalariado e pela ressurgência das forças do mercado externo. Ao final, as circunstâncias especiais de Diamantina e região levaram-nas a deixar o cenário mundial (no qual se destacavam antes pelas pedras preciosas) e a assumir um papel menor na economia regional.

(6) *Ibidem*, p. 75.

Roberto Schwarz vê todos estes elementos retratados nos escritos de Helena. A brutalidade da escravidão, por um lado, e a desumanização pelo trabalho assalariado, por outro, são pontuadas por um breve momento de humanidade, compaixão e alegria no colorido caleidoscópio social. Li fascinada o ensaio de Schwarz e considerei sofisticada e admirável sua análise histórica. Os conceitos sociológicos básicos de classe e raça são conjugados com virtuosidade. No entanto, o que é mencionado de modo passageiro e merece mais atenção é o fato de que o diário não foi escrito por uma pessoa qualquer, neutra, nem um garoto, mas uma menina branca de classe média no período entre infância e idade adulta. É Helena que registra sua vida, e não seu irmão Renato, nem Emídio, o jovem criado negro. Portanto, proponho que o uso adicional de dois conceitos sociológicos, gênero e faixa etária, revela outras fontes importantes na construção da visão de mundo e das ações de Helena. A inclusão destas categorias, além de esclarecer o *conteúdo* das entradas no diário de Helena, também ressalta que a autora é uma *jovem mulher*, em vez de apenas um meio que expressa uma visão particularmente rara e admirável de seu tempo.

As referências de Schwarz à ordem patriarcal e às restrições impostas às mulheres<sup>7</sup> e a afirmação de que "o brilho do livro (...) tem a ver com a adolescência"<sup>8</sup> podem ser vistas como sinais de que as questões de gênero e idade são notadas e consideradas. Mas não me parece suficiente. Em diversas ocasiões, Schwarz quase examina os papéis de gênero, mas normalmente falta maior elaboração. Assim, quando ele observa que "Helena briga com a noção adulta, masculina, abastada e branca de

(7) *Ibidem*, p. 52.(8) *Ibidem*, p. 87.

progresso"<sup>9</sup>, menciona sua situação de criança e mulher de uma família necessitada como possível causa de sua visão de mundo, mas a conexão não é analisada de modo mais extenso. Ela poderia ter escrito suas observações e reflexões em qualquer outro momento de sua vida? Aos 8, ou 18, ou 40 anos de idade? Dificilmente. Para Helena, além do momento e da posição histórica, há também o momento e a posição pessoal. Roberto Schwarz parece dizer o mesmo quando escreve: "Entre parênteses, observe-se a diferença que faz, para o enraizamento sociológico e a orientação da inteligência, o momento biográfico de sua eclosão"<sup>10</sup>. Entretanto, ao continuar afirmando "seja como for" e ao assumir apenas as categorias de criança ou adulto, Schwarz deixa escapar a natureza e a importância daquele momento biográfico.

(9) *Ibidem*, p. 77.

O objetivo da análise que se segue é iluminar o "interregno"<sup>11</sup> da própria Helena, que "escapa à classificação"<sup>12</sup>, em outras palavras, por estar num estado de suspensão ou limbo. Ademais, este estado intermediário e indeterminado é examinado pelo papel que assume na formação daqueles traços e visões admiráveis de Helena que Schwarz explica essencialmente em termos de transformações macrossociais associadas a raça e classe.

(10) *Ibidem*, p. 79.(11) *Ibidem*, p. 71.(12) *Ibidem*, p. 52.

Este estado intermediário entre outros dois estados bem-definidos de infância e idade adulta não leva a nenhum tipo de reticência ou dissonância cognitiva, hesitação ou passividade, mas sim ao oposto: curiosidade, empatia e questionamento da sabedoria convencional, e também ambigüidade, fluidez e liberdade de espírito, ou seja, um aspecto multifacetado que dá ao trabalho de Helena seu encanto e sua sabedoria precoce. Como resultado, Helena usufrui da experiência temporária de liberdade que lhe é garantida em virtude de sua fase de vida relativamente invulnerável. Graças à sua inteligência excepcional, energia e desenvoltura, Helena aproveita este período de modo tão engenhoso e sincero que mesmo cem anos depois os diários mantêm um tom vicejante e, como diz Schwarz, "nada têm de bobagem". Como se explicam estas qualidades específicas?

## Helena no limbo

Há inúmeras evidências no relato de Helena de que ela esteja num estado prolongado em que não é nem completamente uma criança nem uma mulher adulta. Aproximadamente entre 9 e 14 anos as meninas são por um lado capazes e empreendedoras<sup>13</sup> e, por outro, ainda não são constrangidas pelas exigências impostas às jovens no sentido de serem comportadas e respeitáveis. É precisamente nesta fase que algumas meninas são incontroláveis, "molecas", curiosas, fazem experiências, metem-se em confusões. É a única época em que as garotas são aceitas pelos meninos como quase-iguais e podem vivenciar aventuras que eles consideram um direito de nascença.

(13) Hancock, Emily. *The girl within*. New York: Ballantine Books, 1990; Pipher, Mary. *Reviving Ophelia*. New York: Ballantine Books, 1994.

Esta fase, que talvez compreenda até cinco anos na vida de uma menina de classe média no final do século XIX, constitui um estágio e também um *processo*. É um "interregno" peculiar para as meninas que pode acontecer quando, por um lado, elas atingem um mínimo de competência que não demanda mais supervisão constante e, por outro, ainda não estão completamente amadurecidas em termos físicos e ainda não são consideradas aptas ao casamento, uma condição que exigiria novamente muita vigilância (Machado de Assis percebe esta transição na relação de Bento e Capitu com seus parentes adultos no início de *Dom Casmurro*).

Durante este período, quando os mais velhos não consideram que as meninas estejam em perigo, elas podem explorar certas liberdades e possibilidades que fora desta fase são inacessíveis. Há a possibilidade de novas experiências e experimentos, assim como de reflexões sobre eles, o mundo é visto com outros olhos, a criatividade pode se expressar de muitas maneiras, física, mental e emocionalmente, assim como suas combinações. Apesar da miríade de laços sociais que ligam Helena à família e à comunidade, ela pode ser ela mesma, um indivíduo que se coloca e se imagina em muitas situações que brevemente lhe serão interditas e às quais suas primas bem-comportadas não se expõem em absoluto.

Gostaria de enfatizar que não se trata de um rígido estágio de desenvolvimento biológico ou psicológico, mas sim uma condição potencial. Trata-se de uma construção social que depende amplamente da classe, raça, período histórico e normas culturais. As amigas negras de Helena, que não vão à escola, certamente vivem sob um conjunto de normas diferentes, entre as quais não se incluem livre expressão nem o trabalho como atividade realizadora. Como criadas, devem obedecer às ordens de suas patroas, devem fazer favores e estão sempre ocupadas com todo tipo de trabalho doméstico. A deliciosa mistura de trabalho e diversão de que Helena pode usufruir é a experiência de uma garota de classe média, e não se dá por acidente ou por lei da natureza. O trabalho realmente pesado, entediante e cansativo é sempre feito por outra pessoa.

A liberdade de Helena dá-se em função de seu *status* privilegiado, não é automaticamente adquirida. À diferença de suas primas passivas e de suas colegas de classe conformadas, Helena expande os limites de sua experiência, não de modo despreocupado, mas ganhando a admiração dos adultos, o que lhe permite explorar e buscar ainda maior liberdade. Neste estágio da vida, Helena é realmente um agente que define seu papel em Diamantina.

Ela aproveita de modo consciente sua independência e obstinação, seu questionamento da autoridade, curiosidade e iconoclastia, apego às atividades físicas e sua competência geral, assim como o respeito que conquista dos adultos, tornando-se por vezes um tanto manipuladora, mas não presunçosa, orgulhosa, esnobe ou elitista. Com frequência, Helena faz referência a uma época em que era mais jovem e não tão inteligente como agora. Nas primeiras entradas, aos 13 anos, ela por vezes duvida que é inteligente, mas sua própria experiência [3 de dezembro de 1894] assim como o julgamento de seu pai e sua avó a convencem que sim. Porque é alta

e esguia, com sardas no rosto, ela imagina se é feia ou bela, mas apresenta uma saudável segurança que a deixa imune às provocações e ao sofrimento narcisista.

Helena detesta a devoção de algumas de suas primas e o grande tédio de ter que ser boa (ou seja, passiva) o tempo todo. Há outras meninas de sua classe, talvez não tão marginais ou um tanto *déclassées*, não tão apaixonadas e ativas como Helena, que se conformam muito mais rapidamente ao comportamento considerado adequado para as moças. Provavelmente, devem refletir menos sobre as contradições da vida, pois é necessária certa marginalidade para se observar a tendência dominante a alguma distância. O estágio da vida de Helena permite que ela se afaste das normas. Por ser uma garota com força de vontade e aventureira, consegue pressionar para obter a liberdade que normalmente a família e a comunidade não incentivam mas que, diante do confronto, podem tolerar e por vezes até admirar.

É razoável afirmar que durante os dois primeiros anos de seu diário, 1893 e 1894, quando tinha 12 e 13 anos, Helena Morley ainda se encontrava neste estado feliz de poder seguir sua vontade com impunidade; arriscar-se a ser vista como uma menina "moleca"; escapar pelos galhos de uma árvore; interagir com pessoas socialmente inferiores (assim consideradas pelos adultos e seus colegas) numa atitude de igualdade (como ela encara). Na ausência de um mercado matrimonial no estilo urbano e numa situação em que as garotas de Diamantina casavam-se mais tarde do que a geração anterior (quando algumas casaram-se com 12 ou 13 anos), o período de graça de Helena se estendia. As entradas do diário não mencionam nada sobre seu amadurecimento físico ou menstruação, talvez por decoro ou edição posterior, mas é provável que o motivo de se permitir tanta liberdade de movimentos a esta garota alta, magra e esfomeada era exatamente o fato de ainda não ser fértil.

Para Helena, qualquer referência a sua sexualidade é repugnante. Ela odeia o homem que quer segurar sua mão. Diríamos hoje que ela sente aflição. Apenas quando tem 15 anos surgem com mais frequência observações positivas e negativas sobre os rapazes. Porém, este é também o ano da transição para a feminilidade apropriada, o último ano de seu estado de liberdade.

Ela sabe que, se insistir, terá uma breve moratória no sacrifício e servilidade [17 de fevereiro de 1895]. Então, pensa que pode liberar seu egoísmo, sem sentir-se culpada, enquanto for possível. Expressa isso nas brincadeiras, diversões e ataques de riso. Às vezes, preferiria poder usar uma saia simples aos vestidos de babados. Talvez pensasse de modo diferente se não tivesse ela própria que passar os babados a ferro, pois também aprecia vestidos novos e bonitos. Mas pelo menos considera as alternativas. Ela observa o mundo à sua volta com os olhos bem abertos. Tudo é material para sua reflexão. No primeiro ano do diário, predomina uma sensação de admiração. Mais adiante, costuma comentar suas discordâncias em face das opiniões dos adultos. Assim, por exemplo, quando o

padre a adverte que a teoria da evolução é blasfema, ela pensa (mas já não verbaliza como teria feito anteriormente) que conhece um macaco que é mais inteligente do que muitas pessoas e, portanto, reflete por que haveria de ser ruim descender dos macacos [12 de abril de 1894].

Quando os pregos do sapato a incomodam muito e a levam a mancar, há sempre sua avó que se apieda e providencia um novo par. No entanto, é razoável supor que a dor e o desconforto que Helena sofreu contribuíram para reforçar sua empatia com aqueles que também sofriam, mas que não podiam escapar da dor por meio da graça ou da insistência. Neste sentido, Helena tinha muita sorte, e nós também, pelo acesso aos registros da vida de Helena do modo como ela a encarava.

### **O padrão adequado de vida adulta e de modelos de comportamento para Helena Morley**

Durante seus anos de liberdade, Helena está consciente da trajetória antecipada da vida de uma mulher de classe média, cujo destino é o casamento e a maternidade. De fato, quando tinha 18 anos, Alice Dayrell (nome verdadeiro de Helena Morley) casou-se com um jovem da região, Augusto Mario Caldeira Brant. Eles mudaram-se para o Rio de Janeiro por insistência de Helena, e não de Mario<sup>14</sup>. Ele tornou-se um banqueiro bem-sucedido e ela nunca mais escreveu, a não ser cartas<sup>15</sup>. Ela teve pelo menos uma filha, criados e um estilo de vida bem diverso de sua origem humilde.

A julgar pelo diário, uma vez ela imaginou terminar a escola normal para tornar-se professora e ajudar a sustentar seus pais. Duas de suas tias são mencionadas porque se graduaram no magistério já com certa idade. Porém, para a jovem Helena, ensinar não consiste numa vocação, mas numa das poucas formas aceitáveis de rendimento profissional para uma mulher de sua classe social. Na verdade, quando tia Madge permite que Helena assuma por poucos dias suas aulas na escola, a jovem de 15 anos encara sua inabilidade para controlar as crianças como um completo desastre e implora àquela que a libere de suas obrigações. Em oito páginas, o relato desta "tragédia" é sua entrada mais longa no diário, e ela a detalha para "não ter mais nunca a tentação de ser mestra de escola" [18 de agosto de 1895].

O objetivo adequado é o casamento e há pouca indicação de que Helena tenha se rebelado diante deste panorama. De fato, desde os 13 anos ela expressa o desejo de se livrar da alternativa do magistério por meio de um bom rapaz para se casar. As relações conjugais são exploradas por Helena em muitas entradas. No geral, seus tios são patriarcas que governam famílias obedientes e que, com suas esposas, criam filhos bem-comportados. Seis de suas oito tias maternas tiveram seus casamentos arranjados pelo pai, o avô de Helena. Duas escaparam deste destino apenas porque se casaram após a morte do pai. Estas histórias são sempre

(14) Foi o que me contou a professora Solange Ribeiro de Oliveira, da Universidade Federal de Ouro Preto, que conheceu a filha e o genro de Helena.

(15) Cf. Bishop, Elizabeth. Introdução a *The diary of "Helena Morley"*, loc. cit., p. xii.

relatadas e reforçam a opção de Helena pela livre-escolha e pelo amor romântico.

Na sua família mais próxima, as coisas são mais frouxas e liberais. Seu pai, filho de inglês, era claramente um iconoclasta que, com seu bom humor, desafiava e zombava de algumas tradições locais. Helena herdou dele não apenas sua ética que aprovava o trabalho manual, como também o espírito curioso do protestantismo secularizado. Seus pais eram felizes no casamento. Se considerava sua mãe um pouco dependente demais de seu pai, só expressava esta idéia quando ela viajava para encontrar seu marido num lugar distante e deixava os filhos na casa da avó.

Outros modelos de comportamento são mulheres fortes solteiras, como tia Madge, ou matriarcas viúvas, como sua avó materna. Elas apreciam de modo explícito o espírito independente de Helena, mas tentam canalizá-lo para atividades apropriadas. Tia Madge, particularmente, considera que é sua missão civilizar Helena e construir seu caráter sob o molde inglês. Com este intuito, ela faz com que Helena leia alguns livros conhecidos de Samuel Smiles sobre auto-aperfeiçoamento e lhe traz uma sombrinha do Rio para proteger sua pele clara das sardas. De Smiles, Helena descarta as lições sobre boas maneiras e o poder da vontade, mas aplica uma sobre economia ao guardar e vender os ovos de sua galinha, ao passo que seus irmãos comem os seus. Ela coloca isso em seu diário com inimitável senso de humor: "desde que li os diabos dos livros, ajunto os ovos" [1º de junho de 1893]

De modo diverso das adolescentes modernas, Helena dá pouco valor à companhia ou à opinião de seus pares. Suas primas, "coitadas", são obedientes demais para seu gosto. O pai, tio Conrado, por exemplo, as proíbe de se aproximar da fogueira e não permite que acendam fogos, enquanto Helena diverte-se nas festas, pula fogueiras e assa ali pedaços de cana-de-açúcar e batatas-doces. Como gostaria também de ser uma boa aluna, mas não tem disciplina suficiente para tanto, inveja um pouco suas primas pelo pai que as leva cedo para casa para estudar. No entanto, esta pontada de inveja é completamente superada pelo tanto que Helena usufrui de sua liberdade de corpo e espírito.

Helena nota que toda transgressão leva a suas recompensas e punições, ainda que em seu cálculo os benefícios superem os custos. Por exemplo, em setembro de 1893, quando acabava de fazer 13 anos, foi à casa de sua avó e como uma boa menina comeu as rosquinhas e bebeu o leite preparado para ela. Então foi para fora, subiu na jabuticabeira e fartou-se da fruta até não poder mais. Desce com uma terrível dor de estômago, que a avó pretende combater com uma dose de óleo purgante. Helena revolta-se com a idéia e recusa o remédio até que a avó, desesperada, oferece-lhe um vestido novo. Finalmente, Helena aceita tomar o horrível remédio, mas só depois de ver o tecido do vestido. Ao final, todas as mulheres estão à sua volta admirando sua manha e impertinência. Ao quebrar as regras, Helena acumula respeito.

Como observa Schwarz, ela não é completamente iconoclasta e nem uma rebelde permanente<sup>16</sup>. Entretanto, ao testar, ampliar e por vezes até

(16) Schwarz, op. cit., p. 87.

romper temporariamente os limites do comportamento feminino prescrito, e ao fazê-lo nesta fase de sua vida em vez de mais tarde ou de modo permanente, as mulheres mais velhas menos temerosas — talvez lembrando suas próprias juventudes — apóiam-na tacitamente e reforçam sua coragem de expressar individualidade e autonomia. Ainda assim, estrepolias maiores como subir em árvores e escorregar no barranco com os meninos num trenó feito com sela de couro eram mantidas em segredo.

Há também instâncias em que aparentemente ninguém consegue contrapor-se à determinação de Helena. Um dos casos é a transferência da escola normal (pública) para o Colégio das Irmãs de Caridade, planejado por sua mãe para ela e sua irmã mais nova, Luisinha. De início, Helena concorda, "pois gosto de toda novidade" [5 de fevereiro de 1895]. Então, alguns amigos mais velhos tentam dissuadi-la ao dizer que "com o regime das Irmãs vai perder esse gênio alegre e expansivo: vai ficar sem graça e virar outra". Sua reação inicial é que nada pode mudar sua natureza. Depois, porém, reconsidera: "Mas eu poderia talvez perder o gosto que tenho por tudo na vida e ficar como Luisinha e minhas primas que são tão chocas". Assim, recusa-se a entrar na escola das freiras mesmo para uma entrevista inicial. Uma vez que sua irmã é internada e reclama de se levantar muito cedo e ter que ficar ajoelhada, da comida e dos banhos frios, Helena faz o possível para libertá-la da escola e um mês depois ela já está morando em casa novamente.

## A transição para jovem mulher

A liberdade de Helena muda sutilmente no ano que antecede seus 15 anos. Roberto Schwarz nota corretamente que "ao longo do livro assistimos à transformação da criança observadora e crítica na mocinha espertíssima, a qual resolve tudo da própria cabeça, em que aposta as suas fichas para o bem e para o mal"<sup>17</sup>. Entretanto, ao passo que ele apenas a encara por tornar-se cada vez mais segura com o tempo, gostaria de destacar que ela agora também tem que lidar com um novo mundo de expectativas de gênero e responsabilidades adultas.

Podemos tomar o seguinte exemplo, em que ela escreve:

*Hoje, conversando com Maricas, irmã dele [Joviano], eu lhe contei [...] o nosso sofrimento de rirmos à toa, principalmente depois que o irmão está vindo dar lições. Ela disse: "É porque Seu Alexandre ainda não desconfiou que ele gosta mais de ouvir você rir do que das lições. Ele disse lá em casa que gostava de ver você rir e falar perto dele o dia inteiro. Não se lembra daquela bobagem que você fez no dia que a levamos para a casa com aquela chuva? Você estava com umas botinas de elásticos arreventados e encharcadas e da porta da rua foi*

(17) *Ibidem*, p. 86.

*sacudindo as pernas e atirando as botinas no corredor. Viano falou na mesa que sabe que vai ficar solteirão, porque só se casará com uma moça que faça aquele gesto perto dele e sabe que não encontrará "* [12 de novembro de 1894].

Schwarz analisa este episódio como uma instância da força sedutora dos modos despachados de Helena e acrescenta: "A quem ocorreria esta precisão da imagem erótica em ambiente pobre e supostamente ingênuo de cidade provinciana?"<sup>18</sup>. A quem, realmente, senão ao observador contemporâneo e culto? Acredito que Joviano e Helena, cada qual a seu modo, responderiam de modo diverso a esta pergunta retórica. Sem dúvida, Joviano está encantado com os modos de Helena, ainda que o relato não revele se seu interesse é especificamente por ela. Pela reação de Joviano, percebemos que o decoro exigido das meninas não é apenas um constrangimento para elas próprias, mas também um fardo para os homens que podem preferir a expressividade de uma mulher e raramente encontrá-la. (Bento, em *Dom Casmurro*, também sentiu-se atraído por Capitu pela sua atitude pouco convencional e franca.)

(18) *Ibidem*, p. 89.

Mas não devemos perder de vista o fato de que esta história é uma entrada no diário de Helena. Qual seria seu propósito? Evocar uma imagem erótica? É pouco provável. Não é uma história sobre um homem olhando para uma mulher, mas sobre uma moça que se vê refletida no espelho da opinião de um rapaz sobre ela. Ela se vê sendo aprovada de modo entusiasmado pela sua maneira de ser. Por oposição, os espelhos que trazem sua mãe, tia Madge e suas colegas de escola, nesta época, ainda que não exatamente a condenem, estão obscurecidos por menções de desaprovação e firmes advertências que questionam sua segurança.

O processo de segurar as rédeas para domesticar um animal, quando dirigido a um garota ativa e reflexiva, promove o surgimento das contradições da vida. Ela vê hipocrisia, enganação, falsa religiosidade e imagina o oposto, que, afinal de contas, também já experimentou. A capacidade de ver diversos ângulos não vem apenas da conjuntura histórica que Schwarz menciona, mas também da necessidade de se ajustar a novos papéis e expectativas. Ela precisa fazer a transição sem reprimir-se totalmente, mas também sem transformar-se numa desajustada: evitando Cila, a repressão completa, e Caribde, tornar-se marginal. Tal situação exige cuidado, observação e introspecção. O diário constitui um instrumento auxiliar em todo este processo. Não causa surpresa que os meninos, cujo desenvolvimento é muito mais linear, não precisem tanto do recurso ao diálogo com um parceiro tão paciente como o papel.

O estado de liberdade não pode durar muito, e ela sabe disso, mas por enquanto o mundo lhe apresenta muitas possibilidades, mesmo no terreno da tecnologia [11 de outubro de 1893], quando imagina máquinas voadoras e em seus sonhos voa "de verdade" sobre a cidade. O tom do diário de Helena sofre mudanças, sua sensação de admiração expressa

previamente pelo registro de todo tipo de anedotas incongruentes e curiosidades cede espaço a reflexões conscientes sobre sua propensão a construir castelos no ar. Ela ainda é aquela mistura maravilhosa de uma sonhadora com os pés firmes no chão, mas tanto os sonhos como o chão começam a mudar.

Suas colegas de classe que antes a invejavam por ser a favorita da professora, principalmente por seu comportamento pouco convencional, agora começam a provocá-la: "Você já tem quatorze anos. Se não for ajeitando o seu desde já, de mais velha ninguém querera e você ficará para tia" [12 de setembro de 1894]. Ajeitar um homem significa ir aos bailes, ser educada e ter modos femininos. Helena começa a agir deste modo e imediatamente enfrenta situações desastrosas. Para o casamento de uma prima, sua tia Madge a arruma com um vestido muito infantil e desfaz seu penteado da moda, que outra mulher havia lhe preparado, dizendo "Você é uma menina e como quer se pentear como moça?". Na sua raiva diante deste insulto, Helena tem um acesso de choro totalmente infantil [17 de setembro de 1894].

Por vezes, como neste incidente, Helena tenta agir de acordo com as expectativas em torno de uma jovem mulher e é frustrada pelo esforços bem-intencionados, porém infelizes, de sua tia de controlá-la como uma criança. Outras vezes, ela ainda tende a buscar sua antiga liberdade de movimentos, porém desenvolve uma lógica distorcida para mudar seus hábitos. Por exemplo, sua mãe explica que as meninas boas, recatadas e caseiras recebem mais pedidos de casamento. Helena responde de modo desobediente que eram os diamantes do avô, e não o bom comportamento de suas irmãs, que atraíam os pretendentes. Depois, pensando melhor, ela tenta encontrar alguma veracidade no conselho da mãe e conclui que não devia ter ido à casa de tia Plácida no dia anterior, pois assim não teria ouvido a história de que Plácida limpa os talheres em sua anágua e, portanto, não teria ficado com nojo [18 de março de 1895]. Agora ela está aprendendo a fechar os seus olhos, que até então tinham estado bem abertos.

Aos 14 anos, Helena ainda não está procurando um homem e considera tolice que outras garotas e mulheres lhe entreguem poemas e recados de vários rapazes. "Eu vou dizendo a todas que não quero ter namorado, que não gosto de ninguém e que me deixem em paz. Hoje elas começaram a bulir comigo e me chamar de facão" [12 de setembro de 1894]. Entretanto, ela certamente começa a notar os homens. Suas entradas no diário contêm breves relatos sobre rapazes, como o caso já mencionado de Joviano, que toma aulas de inglês com seu pai, ou de José de Assis, que tem pena demais das outras pessoas para o seu próprio consolo e que está dividido entre duas mulheres. Ela menciona garotos estranhos e excêntricos: um empenhado numa corte mesmo sem ter chances; dois agradáveis bicheiros do Rio; os meninos da escola que provocam as garotas e lhes inventam apelidos [9 de abril de 1895]. O comportamento de seu irmão Renato também é analisado: sua timidez diante das meninas, o autoritarismo

com as irmãs, as desventuras com os negócios ou sua utilidade em casa por saber matar galinhas.

Nos meses que antecedem seu aniversário de 15 anos, as entradas de Helena ganham um caráter cada vez mais doméstico: sente pena da mãe pelo trabalho pesado em casa; assume as tarefas da mãe enquanto esta visita o pai na lavra; solidariza-se com tia Aurélia diante de uma criada recalcitrante; sente-se culpada pela preferência visível de sua avó diante das outras primas; conta sobre uma jovem que perdeu seu primeiro filho no parto; e revela o relato de sua própria mãe sobre seu nascimento. Em outras palavras, nota-se a socialização antecipatória de seu papel completo como adulta.

Em 28 de agosto de 1895, Helena faz 15 anos. Sua querida avó está doente, com pneumonia, e morre poucos dias depois, aos 85 anos. Esta perda torna-se um ponto de inflexão. As reminiscências e o luto pela avó trazem de volta uma torrente de histórias da infância, memórias que Helena agora apresenta como parte de um passado remoto. Ela é quase condescendente consigo própria quando lembra de sua primeira comunhão. "Fiz o retiro todo aquele dia com a maior contrição possível a uma menina de sete anos" [29 de dezembro de 1895]. Ou, em outro contexto, afirma: "Hoje vejo que essas decepções da infância me serviram para ensinar a ter paciência, para suportar na Escola muitas injustiças dessas adúladoras dos professores" [29 de setembro de 1895].

O período posterior à morte da avó é também ocasião para analisar novamente suas tias, uma de cada vez. Seus casamentos são mais uma vez iluminados sob outro ângulo quando disputam pela herança da avó. Ademais, ela precisa assumir seu papel apropriado (ou seja, mais adulto) diante dos dependentes da família e antigos escravos. Atribuem-se a ela novas expectativas e responsabilidades. Quando não consegue satisfazer o último pedido de um ex-escravo que estava morrendo e desejava vê-la, ela espera que o pai a ajude a esquecer este erro. "Corri para a cama de meu pai e me abracei com ele. Nunca pensei ter tanto medo na vida. Meu pai disse que se eu fosse uma menina, ainda vá. Mas uma moça de quinze anos, é demais" [10 de novembro de 1895]. A infância de Helena escorre pelos dedos, a liberdade do início de sua adolescência cede às convenções adultas e obrigações sociais. De uma agente independente, tão querida por sua avó, ela agora tem que se integrar ao mundo adulto de modo irrevogável. Ela ainda é a alegria da festa, mas a festa mudou.

O primeiro episódio no diário de Helena fala sobre seu dia da semana favorito, quando ela, a irmã, os irmãos, a mãe e Emídio, um companheiro de brincadeiras negro, passam o dia entre atividades como pescar, pegar passarinhos, lavar roupas, almoçar, catar frutas silvestres e lenha, jogar com pedrinhas e tomar banho no rio. Há apenas uma divisão mínima de trabalho entre meninos e meninas, mãe e filhos, mas o trabalho e a brincadeira misturam-se de modo agradável. Há algo de "utopia", como diz Schwarz.

Em uma das últimas entradas, três anos depois, há uma repetição virtual da primeira cena, ainda que em outro rio e com diferentes personagens: Helena, seu irmão, sua mãe, uma criada mais idosa, uma tia

com suas duas filhas e uma empregada. Eles se engajam nas mesmas atividades, mas o tom é alterado. Lavar a roupa é agora uma tarefa mais séria. Ela consegue tomar banho no rio apenas depois de uma discussão com a mãe. Usa anágua enquanto lava o cabelo e repara nos pequenos peixes ao seu lado. Com um pouco de arroz e farinha de mandioca, senta-se no rio e pega vários deles em sua saia. "Não peguei mais pensando no trabalho que iriam dar para limpá-los. Mas trouxe lambaris que deram para todos com fartura" [25 de dezembro de 1895]. É a "utopia" de novo, mas como Helena enquanto provedora. Mesmo assim, o otimismo<sup>19</sup> inegável de Helena aparece, fornecendo-nos uma imagem da mulher em que está se transformando: "Cada dia nova descoberta e cada qual melhor!" [25 de dezembro de 1895]. (Entretanto, devo confessar que este relato, mais do que qualquer outro, sugere a interferência de um editor. Porém, seja como for...)

## Epílogo

Numa manhã de junho de 1993, parti na viagem de ônibus de cinco horas de Belo Horizonte a Diamantina em parte inspirada por *Minha vida de menina*. No início dos diários, em 1893, Belo Horizonte ainda não existia, era apenas um sonho do planejador. Um século depois, Belo Horizonte tem dois milhões de habitantes e apresenta todas as características, boas e más, de uma metrópole moderna. Diamantina também mudou, mas bem menos. Onde cem anos antes carroças levavam oito dias de viagem, uma estrada de asfalto bem-cuidada agora atravessa fundições de ferro e cidades pequenas, com obstáculos na pista e antenas parabólicas, passando pelo gado de muitas cores e raças, através de intermináveis formações rochosas que vão se modificando, por campos de capim sedoso e balançando ao vento, mesmo sob névoa e nuvens. Nos anos 50, Elizabeth Bishop fez a viagem de avião.

Quando cheguei a Diamantina, no meio da manhã, alguns moradores decoravam a rua em frente às suas casas com areia colorida e flores de primavera, e pareciam atrasados para a procissão de Corpus Christi marcada para passar às onze e meia. Ainda assim, na hora marcada, uma multidão razoável de músicos da banda da polícia, com uniforme marrom, membros das antigas irmandades vestidos a caráter e paroquianos acompanhou o bispo sob seu dossel dourado. Eles marchavam serpenteando as construções coloniais. Cobertores de poliéster e acrílico estavam pendurados nas janelas como decoração. Um século antes, Helena notava as colchas de damasco nestas mesmas janelas. Os habitantes da cidade, com o feriado instaurado após o meio-dia, transformaram-se em espectadores e participantes. Uma massa ajuntou-se na praça em frente à deselegante catedral, que foi construída na década de 30 e hoje surpreende o observador, tornando-se um sinal de como as antigas igrejas e capelas do resto da cidade são realmente bonitas. As crianças aproveitaram o dia fora da escola, mas poucos jovens participaram da procissão religiosa. Parece-me que, no

(19) Emily Hancock (op. cit.) coletou evidência empírica que demonstra que este tipo de independência juvenil, ousada e que pensa por si própria (*Eingesinn*, em alemão), pode deixar uma reserva de recursos emocionais e uma vida interior às quais as mulheres podem recorrer de modo produtivo em suas crises posteriores da vida adulta. Assim, mulheres que, por pressão familiar ou de seus pares, tiveram esta fase de experimentação potencial abreviada, ou prematuramente canalizada para os padrões prescritos de comportamento feminino adequado, podem ser menos capazes de afirmar sua individualidade em crises posteriores na vida, como divórcio ou perdas pessoais.

tempo de Helena, as procissões eram ocasiões inigualáveis de sociabilidade e animação, ao passo que agora precisam competir com a televisão e os filmes norte-americanos.

Cem anos antes, Helena escrevia em seu diário sobre um feriado semelhante:

*Eu acho a festa do Divino uma das melhores que nós temos. Isto da música levar nove dias indo a todas as casas buscar, debaixo da bandeira, as pessoas que fazem as promessas, alegre a cidade muitos dias seguidos. Há três anos seguidos que eu não deixo de levar cera [para velas] debaixo da bandeira. Vovó faz promessa todo ano e quando chega a festa do Divino eu ganho um vestido novo para levar a cera. Também é a única coisa em que eu faço inveja às outras primas. Dindinha às vezes fala com vovó para mandar outra, mas ela não quer.*

*Este ano, além da cera de vovó, eu tive de levar um milagre de meu pai, uma perna com manchas vermelhas deferidas. Esta perna foi promessa de mamãe quando meu pai esteve com uma ferida do coice de um burro na canela, na Boa Vista.*

*Na sacristia da Igreja do Amparo as paredes estão cheias de milagres: cabeças, braços e pernas, e até meninos inteiros de cera, tão bem feitos e cheios de feridas que parecem de verdade [21 de maio de 1893].*

*Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; mas quando são na Igreja do Rosário, que é quase pegada à chácara de vovó, eu gosto ainda mais. Até parece que a festa é nossa [30 de maio de 1893].*

Em minhas caminhadas pelas íngremes ruas calçadas de pedra, terminei defronte de uma igreja assimétrica, azul e branca, com uma torre do lado direito e um telhado em estrutura curva, parecendo chinês, ao centro. Perguntei a uma mulher numa casa próxima qual o nome daquela igreja. Rapidamente estávamos entretidas numa longa conversa. Eu não só estava diante da Igreja do Rosário, como esta mulher era a atual proprietária da casa da avó de Helena, ao lado da igreja. Em pouco tempo, Dona Sônia me convidou a entrar e me serviu um cafezinho. Os cômodos eram grandes e desolados no estilo brasileiro, ou seja, sem muita decoração, com paredes brancas e com vigas de madeira escura nos forros altos. Pela janela dos fundos eu podia ver o jardim em declive, com um pouco de mato, onde Helena e seus irmãos escorregavam sobre uma sela. Não, Dona Sônia não havia lido o famoso diário, mas tinha ouvido falar dele. Suas cinco filhas tinham entre 9 e 17 anos, mas duvido que algum diário de menina estivesse sendo escrito naquela casa hoje em dia<sup>20</sup>. Dona Sônia me deu uma pedra de cristal brilhante. Eu a guardo como um sinal da constante hospitalidade que conheci em todo o Brasil e finjo que é o maior diamante jamais encontrado em Diamantina.

(20) Mesmo as livrarias locais não tinham exemplares de *Minha vida de menina*, apesar de comentarem que o livro era procurado por alguns turistas. Em sua terra natal, o livro estava esgotado.

Recebido para publicação em 21 de maio de 1998.

Britta Fischer é professora de sociologia do Emmanuel College em Boston, Estados Unidos.